

Fernando Pessoa

## O véu das lágrimas não cega.

O véu das lágrimas não cega.  
Vejo, a chorar,  
O que essa música me entrega —  
A mãe que eu tinha, o antigo lar,  
A criança que fui,  
O horror do tempo, porque flui,  
O horror da vida, porque é só matar!  
Vejo e adormeço,  
Num torpor em que me esqueço  
Que existo inda neste mundo que há...  
Estou vendo minha mãe tocar.  
E essas mãos brancas e pequenas,  
Cuja carícia nunca mais me afagará —,

Tocam ao piano, cuidadosas e serenas,  
(Meu Deus!)  
*Un soir à Lima.*

Ah, vejo tudo claro!  
Estou outra vez ali.  
Afasto do luar externo [?] e raro  
Os olhos com que o vi.

Mas quê? Divago e a música acabou...  
Divago como sempre divaguei  
Sem ter na alma certeza de quem sou,  
Nem verdadeira fé ou firme lei

Divago, crio eternidades minhas  
Num ópio de memória e de abandono.  
Entronizo fantásticas rainhas

Sem para elas ter o trono.

Sonho porque me banho  
No rio irreal da música evocada.  
Minha alma é uma criança esfarrapada  
Que dorme num recanto obscuro.  
De meu só tenho,  
Na realidade certa e acordada,  
Os trapos da minha alma abandonada,  
E a cabeça que sonha contra o muro.

Mas, mãe, não haverá  
Um Deus que me não torne tudo vão,  
(ou) Um outro mundo em que isso agora está?  
Divago ainda: tudo é ilusão.  
*Un soir à Lima*

Quebra-te, coração. . .

17-9-1935

**Novas Poesias Inéditas.** Fernando Pessoa. (Direcção, recolha e notas de Maria do Rosário Marques Sabino e Adelaide Maria Monteiro Sereno.) Lisboa: Ática, 1973 (4ª ed. 1993): 137.